

Milton Campos figura hoje como um dos grandes homens público deste nosso país tropical.

Emílio Guimarães Moura nasceu em Dores do Indaiá a 14 de agosto de 1902. Emílio era filho de Elói de Moura Costa e de Dona Cornélia Guimarães Moura. Emílio em 1928 recebia sua carta de Bacharel, retornando para Dores do Indaiá, onde lecionaria na Escola Normal Oficial da cidade, voltando anos depois para a capital mineira. Emílio era primo de Alberto Campos, ou melhor, de Alberto Álvares da Silva Campos, filho de Jacinto Álvares da Silva Campos e de Dona Azejúlia Alves e Silva Campos. Nasceu em Dores do Indaiá a 13 de fevereiro de 1905. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte em 1928. Em 1933, atuando como advogado do Banco do Brasil no Rio de Janeiro, falecia o jovem poeta e advogado, sendo sepultado em Belo Horizonte, cidade em que ele sempre fora estrela.

O Estrela, influenciado pelo piquenique cultural da Semana da Arte Moderna de 22, queria ver de perto, o quê para ele era referência na literatura brasileira do início do século. Em 23, o grupo Estrela já havia tomado contato com a literatura modernista por meio do livro "Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade. Os mineiros naquela inesperada noite de abril, estiveram com Oswald de Andrade, com quem marcaram para a noite seguinte um jantar com a comitiva modernista. E foi em uma distante noite de abril, que surgiu um dos mais belos poemas da língua portuguesa, guiado pela mão do modernista Mário de Andrade, surgia na noite mineira, o iluminado "Noturno de Belo Horizonte", publicado em "Clã do Jabuti", que figura como uma homenagem aos primeiros anos da nossa capital.

Depois do jantar, que havia sido marcado na noite anterior, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Martins de Almeida, Emílio Moura e Mário de Andrade, seguindo uma sugestão do próprio Mário, saíram para um passeio pelas ruas da nossa capital, "entre coágulos de sombra e as maravilhas de centenas milhares de brilhos vidrilhos", nas imediações do Grande Hotel. Mário passeou pela Avenida Afonso Pena e rua da Bahia, no centro de Belo Horizonte. Dali, daqueles passos noturnos, começaria a nascer o Noturno de Belo Horizonte.

E foi na última noite da estada do grupo na capital que o poema saltou ao papel. De súbito, embebido por um espírito surgido dos fundos das Gerais, Mário de Andrade compunha na sacada do primeiro andar do Grande Hotel, o "Noturno de Belo Horizonte", uma beleza de construção da poesia moderna.

Mário que estava na salinha de espera do primeiro andar do Hotel, de repente levantou-se e foi andando para a sacada. Ali parou, pôs a mão no parapeito, respirou longamente o ar impregnado de Brasil e deixou verter de seus poros, seu coração, suas mãos, o mistério condensado nas Minas Gerais, o espírito irrequieto dos Bandeirantes, a busca incessante dos amantes, as quedas das Cataratas-Dantas-Motas, o segredo eterno dos Buritizais... Entre tantos versos maravilhosos, podemos ler: "...Formamos um assombro de misérias e grandezas...", "...Somos aqui nesta terra, o grande milagre do amor...".

O poema vai longe, ora com calma de riacho, ora sinuoso montanhês... As palavras e expressões nos remetem a um Brasil de brasilidades. País das "noites cabindas, das ribanceiras dolentes, do silêncio fresco despencando das árvores, das carapinhas fofas polvilhadas com a prata da Via Láctea, das planícies altas, dos mineiros pintando diariamente o céu de azul com os pincéis das macaúbas folhadas, da barçaça descendo o rio ritmada pelos golpes dos remeiros, dos cerrados onde o guache passa rápido, da serra do Rola Moça, das esmeraldas das araras, dos rubis dos colibris, das orquídeas desiguais - filho luso da beleza e da melancolia... Brasil, nome de vegetal...".

De 1924 para cá, posso dizer que o poema de Mário de Andrade permanece atual, como o bigode de Carlitos, a música de Mozart, os quadros de Van Gogh. É no Noturno de Belo Horizonte, que sabiamente Mário filosofa: "o amor não é a paz, bem mais bonito que ela, porque é um completamento!...". Mário sabia o que estava falando e falava pela boca de um anjo, um anjo poeta...

Petrônio Souza é jornalista e escritor

petros@brfree.com.br

[voltar](#)